



# Putin suspende inspeções americanas

Diplomacia russa alega que sanções ocidentais impostas após invasão à Ucrânia são empecilhos para a realização de averiguações de arsenais nucleares, previstas no Novo START. Moscou e Kiev trocam acusações sobre ataques à usina de Zaporizhzhia

Por meio de um comunicado divulgado por sua chancelaria, a Rússia anunciou, ontem, que vai suspender inspeções americanas a instalações militares previstas no tratado Novo START, acordo estratégico entre Washington e Moscou para limitar os arsenais nucleares. A decisão foi anunciada em um momento de grande apreensão internacional devido à escalada das tensões envolvendo ataques à central nuclear de Zaporizhzhia, no sul da Ucrânia, ocupada por forças russas desde o início da guerra deflagrada contra o país vizinho, no fim de fevereiro.

Em nota, o ministério russo das Relações Exteriores informou que as instalações serão “temporariamente” isentas de averiguações. “A Federação Russa é obrigada a recorrer a essa medida (...) devido a realidades existentes que criam vantagens unilaterais para os Estados Unidos e que privam a Rússia do seu direito de realizar inspeções em território americano”, explica o informe da diplomacia russa.

Entre os impedimentos, o governo de Vladimir Putin cita dificuldades de viagem e obstáculos aos vistos devido às sanções ocidentais impostas a Moscou por conta da invasão ao território ucraniano. O comunicado aborda ainda questões ligadas à pandemia da covid-19. Ficam, assim, livres momentaneamente de inspeções bases de lançamento e também instalações aéreas e navais onde estão implantados mísseis nucleares.

## Apelo

Na semana passada, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, lançou um apelo a Rússia e China para conversas sobre controle de armas nucleares, afirmando que Moscou tem essa responsabilidade, especialmente,

DIMITAR DILKOFF



Sistemas de mísseis balísticos intercontinentais russos Yars RS-24 durante o desfile militar do Dia da Vitória, em Moscou

## Ogivas limitadas

O tratado assinado em 2010 limita os arsenais das grandes potências a um máximo de 1.550 ogivas implantadas para cada. Isso representa uma redução de 30% em relação ao limite estabelecido anteriormente, em 2002. Em fevereiro de 2021, o pacto foi prorrogado por cinco anos, até 2026.

após a invasão da Ucrânia.

Em um comunicado, Biden explicou que seu governo está disposto a “negociar rapidamente” um texto em substituição ao Novo START. “A Rússia deve mostrar que está disposta a retomar os trabalhos

sobre o controle de armas nucleares”, ressaltou Biden na ocasião. “Mas a negociação requer um parceiro disposto a operar de boa-fé. E a agressão brutal e não provocada da Rússia na Ucrânia destruiu a paz na Europa e constitui um

ataque aos princípios fundamentais da ordem internacional”, completou.

A Rússia vem aumentando sua capacidade nuclear nos últimos anos, embora seu arsenal hoje seja muito menor do que o dos Estados Unidos e da China. Em várias ocasiões, Putin tem se gabado de novas armas invencíveis desenvolvidas pela Rússia. O chefe do Kremlin tem aproveitado os tradicionais desfiles do Dia da Vitória, que celebram o triunfo da União Soviética sobre a Alemanha nazista na Segunda

Guerra Mundial, para exibir seu poderio militar.

Para Biden, Pequim tem o dever, como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, “de participar de conversas que reduzam o risco de um erro de cálculo e aborem a dinâmica militar desestabilizadora”. O presidente americano defendeu que as potências nucleares — Rússia e Estados Unidos especialmente — têm a responsabilidade de marcar a pauta e assegurar o cumprimento do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP).

## Ajuda adicional

O Banco Mundial anunciou uma ajuda adicional de US\$ 4,5 bilhões para a Ucrânia, com recursos fornecidos pelos Estados Unidos, para atender às “necessidades urgentes criadas pela guerra”. Por sua vez, o Pentágono detalhou um novo pacote de ajuda militar no valor de US\$ 1 bilhão, que inclui mísseis para os sistemas de artilharia de precisão Himars.

“Para ajudar os ucranianos a se defenderem da ofensiva russa no leste e para se adaptarem aos desenvolvimentos atuais no sul e em outros lugares”, declarou Colin Kahl, o número três do Departamento de Defesa. Esse tipo de míssil caiu sobre as forças russas em Melitopol (norte da Crimeia) ontem, de acordo com o prefeito da cidade, Ivan Fedorov.

Ontem, as Nações Unidas revisaram a necessidade de ajuda humanitária emergencial para a Ucrânia, elevando o valor a US\$ 4,3 bilhões até o fim do ano. A demanda de recursos inicialmente prevista, em abril, cobria o período de março a agosto, mas agora as necessidades foram estendidas.

O novo cálculo, segundo Stéphane Dujarric, porta-voz do secretário-geral António Guterres, leva em conta o agravamento do conflito e a chegada do frio. “Mais de um quarto da população ucraniana — 17,7 milhões de homens, mulheres e crianças — precisará de ajuda humanitária nos próximos meses, ou seja, cerca de 2 milhões a mais que as estimativas de abril”, reforçou Dujarric.

De acordo com o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU (Ocha, na sigla em inglês), 11,7 milhões de pessoas receberam no país algum tipo de ajuda humanitária ao menos uma vez entre fevereiro e o fim de julho.

# Bombardeios a usina geram apreensão

Moscou e Kiev elevaram, ontem, o tom das acusações envolvendo os ataques à central de Zaporizhzhia, a maior usina nuclear da Europa, que desde o início de março, dias após a invasão à Ucrânia, caiu nas mãos russas. O governo de Vladimir Putin afirmou que as forças de Volodymyr Zelensky bombardearam o local, que denuncia o contrário. Os dois países trocam incriminações desde sexta-feira, sem que nenhuma fonte independente consiga confirmar as informações.

Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin, afirmou que o bombardeio da usina de Zaporizhzhia “pelas Forças Armadas ucranianas” é “potencialmente extremamente perigoso” e “pode ter consequências catastróficas para

uma vasta área, inclusive para o território europeu”. Segundo o ministério russo da Defesa, o último ataque, na madrugada de domingo, teria danificado uma linha de alta tensão que fornece energia elétrica para duas regiões ucranianas.

“O mundo não deve esquecer Chernobyl. A catástrofe de Chernobyl foi pela explosão de um reator, e a usina de Zaporizhzhia tem seis deles”, declarou, por sua vez, o presidente ucraniano em seu pronunciamento diário por vídeo. Na véspera, Zelensky chamou a Rússia de “Estado terrorista” após o bombardeio.

Diante da situação, o presidente da agência nuclear ucraniana Energoatom, Petro Kotin, pediu que os ocupantes russos sejam desalojados e uma “zona



Russo patrulha a central nuclear: Kiev defende zona desmilitarizada

desmilitarizada” seja estabelecida na área da usina. “Deve haver uma missão de paz que também inclua especialistas da AIEA

(Agência Internacional de Energia Atômica) e outras organizações de segurança”, afirmou em um vídeo postado no Telegram.

Segundo Petro Kotin, a central de Zaporizhzhia está ocupada por “cerca de 500 soldados e 50 veículos pesados, tanques e caminhões”. Após um ataque ocorrido na sexta-feira, um dos reatores precisou ser desligado.

“Seguimos pedindo para a Rússia cessar todas as operações militares dentro e nos arredores das centrais nucleares ucranianas e que devolva seu controle à Ucrânia”, disse a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean Pierre.

## “Suicídio”

A AIEA considerou, no sábado, “cada vez mais alarmante” as informações procedentes da usina de Zaporizhzhia. “Qualquer ataque a usinas nucleares é suicídio”, alertou o secretário-geral da

Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, em Tóquio. “Espero que os ataques terminem. Ao mesmo tempo, espero que a AIEA consiga ter acesso à usina”, acrescentou.

No campo de batalha, as forças ucranianas voltaram a atacar, na madrugada de ontem, uma importante ponte em Kherson, cidade no sul do país ocupada pelas tropas russas desde 3 de março, informaram as autoridades de Kiev. A ponte Antonovskiy é vital para o abastecimento, pois é a única que liga a cidade à margem sul do rio Dniepr e ao resto da região de Kherson. As forças ucranianas anunciam há várias semanas uma contra-ofensiva nessa região para reconquistar os territórios perdidos nos primeiros dias da ofensiva russa.